

03/74

POSIÇÃO SOCIAL DAS OCUPAÇÕES

por Nelson do Valle Silva

I. INTRODUÇÃO

A utilização da variável ocupação como indicador da posição social dos indivíduos tem longa tradição em análise sociológica, amparada não só em especulações ao nível teórico, como em resultados empiricamente estáveis. A construção de escalas ocupacionais foi, possivelmente, um dos itens que mais tempo absorveu do trabalho dos sociólogos e demógrafos, resultando desse esforço uma variedade de sistemas de mensuração que contribuíram decisivamente para a evolução da Sociologia como ciência empírica.

A base teórica da localização da variável ocupacional como o indicador mais importante da posição do indivíduo na sociedade, remonta praticamente a todos os "founding fathers" das ciências sociais. Durkheim, por exemplo, afirmava que "classes ... provavelmente não têm outra origem ou outra natureza; elas surgem da multiplicidade de organizações ocupacionais...".¹ Sorokin explicitamente assevera que "nem a conduta e a psicologia individual, nem o comportamento e as características de grupo, nem antagonismos sociais e solidariedade, nem processos de reconstrução social e revolução, nem quase todas as mudanças sociais ou irregularidades, podem ser explicados satisfatoriamente sem os fatores ocupacionais."²

No plano empírico, a importância do indicador ocupação foi comprovado pela análise de Kahl e Davis³ de dezenove indicadores sócio-econômicos comumente usados em estudos de estratificação em que se mostra que as variáveis ocupação e área

de residência são as únicas prováveis dimensões subjacentes ao referido conjunto de indicadores.

Duas dimensões do processo de estratificação social, a diferenciação social e a avaliação social, deram origem a duas abordagens nem sempre distintas ao estudo da estrutura ocupacional: o aspecto diferencial do processo de estratificação tem possivelmente sua origem mais importante em Marx, que enfatiza a característica objetiva da posição do indivíduo na organização social da produção como determinante da classe social a que ele pertence. Embora Marx realce também o aspecto subjetivo consciência de classe, sendo a organização da produção uma base necessária mas não suficiente para a existência de classes⁴ sociais, esta consciência é uma eventual decorrência do aspecto objetivo posição no sistema produtivo. Weber, diferentemente de Marx, considera igualmente importantes as dimensões diferenciais/objetivas e avaliativas/subjetivas do processo de estratificação.

Com a abordagem funcionalista, os dois aspectos se sedimentam, ficando bastante claros nos trabalhos de Davis e Moore⁵ e de Parsons⁶. O estudo da estratificação social trata-se, em última análise, de se considerar como a diferenciação social e a avaliação social se relacionam entre si, postulando-se um certo grau necessário de congruência entre elas⁷. A primeira evidência empírica dessa relação foi apresentada por Inkeles e Rossi⁸, onde se analisou seis sociedades industrializadas, portanto esperadamente com sistemas objetivos de distribuição funcional de papéis semelhantes ,

para as quais foram construídas escalas avaliativas/subjetivas do prestígio de certas ocupações. A análise dos resultados, como se esperava, demonstrou altas correlações entre as diversas escalas nacionais.

Refletindo o dualismo dimensional do processo estratificatório, a pesquisa em mensuração das hierarquias ocupacionais tem-se desenvolvido em duas direções. Uma delas consiste em se tentar estabelecer classificações das ocupações em termos de critérios sócio-econômicos objetivos baseados nos indivíduos que as desempenham. Possivelmente a primeira e mais importante dessas tentativas é a escala desenvolvida por Alba Edwards⁹ para o censo americano de 1940 e que serviu de base para uma série de escalas posteriores. Recentemente, tem-se tentado desenvolver escalas para classificações detalhadas de ocupações, sendo exemplos dessas tentativas as escalas de Blishen¹⁰ para o Canadá, de Bogue¹¹ e do Bureau de Censo¹² para os EUA. Blishen descreve o seu método de cálculo dos escores ocupacionais da seguinte forma: "O primeiro passo na construção da escala de classes ocupacionais foi arranjar as ocupações relacionadas no censo de 1951, de acordo com a renda e anos de escolaridade. A renda média e o número médio de anos de escolaridade foram então determinados, e os escores padronizados das duas medidas foram calculados. Os dois escores padronizados foram então combinados e cada ocupação classificada segundo este escore combinado... a lista resultante, consistindo de 343 ocupações, foi dividida em sete classes..."¹³.

como um coeficiente de determinação $R_1^2 (23) = 0,83$. Com essa equação foi possível se avaliar o status de qualquer outra ocupação não constante na escala NORC. Dessa forma, o SEI representa conceitualmente a proporção do prestígio ocupacional explicada pelas dimensões objetivas econômica e educacional do status das ocupações, significando mais uma evidência empírica de certo nível de congruência esperado entre os sistemas diferencial e avaliativo de estratificação.

As escalas de prestígio, notadamente a do NORC, têm sido objeto de estudos extensivos, chegando-se, ao que parece, a um dos grandes invariantes empíricos da Sociologia: verifica-se a extrema similaridade das hierarquias de prestígio ocupacional entre sociedades, industrializadas ou não¹⁵ (Hodge encontrou um coeficiente de determinação médio de 0,83 entre a escala NORC e as escalas de 23 outros países, incluindo países em níveis de desenvolvimento tão diversos como Brasil, Alemanha, Costa do Marfim, Noruega e Guam), e dentro de uma mesma sociedade ao longo do tempo¹⁶ (para os EUA, entre escalas de 1947 e 1963, $r^2 = 0,98$). A consequência dessas análises é o esvaziamento da posição estrutural-industrialista de Inkeles e Rossi⁸ que defende a idéia de que é a estrutura industrial que cria a alta identidade entre as hierarquias ocupacionais. Hodge et al. realçam as características estruturais comuns outras que as hierarquias ocupacionais industriais, entretanto, de uma certa forma deixando ainda em aberto a explicação dessa espantosa regularidade empírica.

No Brasil, os estudos da estrutura ocupacional têm, aparentemente, se limitado à análise do prestígio das ocupações. O primeiro trabalho nessa área foi desenvolvido por Hutchinson¹⁷ para São Paulo, dentro de um estudo mais amplo de mobilidade social. A escala de prestígio construída por Hutchinson abrangia trinta ocupações selecionadas visando a comparabilidade com uma escala inglesa de Hall e Jones; as escalas brasileira e inglesa apresentaram um coeficiente de correlação ordinal de $r_o = 0,916$, o que demonstra uma alta similaridade. Um subconjunto de dezoito ocupações da escala de Hutchinson foi posteriormente modificado por Joly Gouveia¹⁸ visando, entre outros objetivos, sua extensão a núcleos sociais de "industrialização recente e desenvolvimento desigual". Para tanto, a construção da escala baseou-se numa amostra de professores de São Paulo, Rio Grande do Sul e Pará. Concluiu Joly Gouveia que "o que os confrontos ressaltam é a grande semelhança que existe, não apenas entre a capital e o interior,..., mas acima de tudo, a semelhança entre Estados que apresentam índices demográficos-econômicos tão diferentes como São Paulo e Pará."¹⁹ Temos, dessa forma, a confirmação intra-societal para o Brasil das observações quanto à similaridade das hierarquias de prestígio entre sociedades.

O problema de se explicar as semelhanças das hierarquias de prestígio tem sido atacado em níveis diversos. O primeiro e mais elementar deles é saber o que significa o conceito de prestígio subjacente às escalas usadas. Em outras palavras, o que se pretende saber é como entendem os respondentes

o inocente pedido de que indiquem "a sua idéia a respeito do prestígio de que goza" certa ocupação. O conceito de prestígio, correlato da "honra" e "respeito" weberiano, implica que sua escala deva captar o sistema de valores da sociedade. No entanto, como Gusfield e Schwartz²⁰ observam, existe o indício de que nos estudos ocupacionais haja ocasionalmente uma infiltração de avaliações com base numa percepção da ordem factual, ou seja, pessoas tendem a atribuir maior prestígio a uma ocupação porque seus ocupantes "ganham" mais, ou qualquer variante do mesmo raciocínio. Em resumo, o que se coloca em questão é a relação entre as fontes referenciais do sistema de valores da sociedade e o conceito de "prestígio" ocupacional.

Outro nível de análise das semelhanças entre as hierarquias de prestígio está relacionado com as observações relativas ao nível anterior. Trata-se, em última análise, de se especificar as características estruturais comuns explicativas da regularidade empiricamente observada. De um ponto de vista estritamente funcionalista, Barber²¹ assevera que as "duas dimensões ao longo das quais os papéis e as atividades sociais funcionalmente necessárias podem ser ordenados são conhecimento e responsabilidade... conhecimento significa a posse de um conjunto de idéias e aptidões relevantes a um do papel social... por responsabilidade entende-se a posse de autoridade e habilidade para dirigir as atividades de um ou mais membros de sua sociedade." Já a análise de Duncan na construção de seu SEI, indica que 83% da variância do prestígio

gio ocupacional é explicado pela combinação linear das variáveis educação e renda. Analisando o comportamento das tres variáveis mencionadas (educação como indicador de conhecimento, número de subordinados como indicador de responsabilidade, e renda), Marsh²² conclui que a "razão mais precisa para similaridade de prestígio entre sociedades é que uma dada ocupação tem requisitos altamente similares de recrutamento (nível educacional), desempenho de papéis (autoridade, poder) e recompensas relativas semelhantes (renda) nas diversas sociedades". Deve-se pois adicionar mais uma dimensão, o status econômico das ocupações às duas apontadas por Barber como bases estruturais das hierarquias de prestígio. No entanto, para fins de simplicidade operacional, podemos considerar a autoridade como uma característica essencialmente técnica que pode ser embutida na própria definição ocupacional, se a tivermos a um certo nível mínimo de detalhamento, ou seja, é a dimensão mais facilmente tornada invariante dentro dos grupos ocupacionais.

Reforçando a simplificação proposta acima, considere-se que existem evidências teóricas e empíricas sustentando o ponto de vista de que a diferenciação social se processa ao longo de duas linhas básicas: uma "cultural", podendo-se usar como referente empírico o nível de educação formal do indivíduo ou do grupo social referido; uma "econômica", base das oportunidades de vida, cujo referente empírico seria a renda individual ou do grupo social agregadamente. Essas duas dimensões combinadas engendram o que se pode entender co

mo " modo" ou "estilo de vida"- que juntamente com o prestígio ocupacional propriamente dito caracterizam a definição de Weber de "status social": "o termo status social será a plicado à demanda tipicamente efetiva de prestígio social en quanto que apoiado nas seguintes bases: (a) modo de vida; (b) um processo formal de educação que pode consistir em treina mento empírico ou racional e a aquisição dos modos de vida correspondentes, ou (c) no prestígio de nascimento, ou de uma ocupação."²³ A nosso ver, isso significa que a imputação ao nível individual da posição social de suas respectivas ocupações, posição medida em termos de nível educacional e de renda, representará uma explicação de quase toda a totalidade da variação do status social dos indivíduos ou, em outras palavras, uma escala de diferenciação social das ocupações com posta dos dois indicadores mencionados estará extremamente próxima da mensuração de status social segundo a definição weberiana, sem que tenhamos que recorrer ao conceito de prestígio, de estabilidade semântica duvidosa.

O que se segue é uma tentativa de se construir para o Brasil uma escala de diferenciação social das ocupações a partir dos dados da amostra do Censo de 1970 colhido pela FIBGE, amostra que corresponde a vinte e cinco por cento da população brasileira no ano mencionado, tendo sido publicada a metodologia de sua amostragem e coleta nos volumes de divulgação do Censo.

II. A MENSURAÇÃO DA POSIÇÃO SOCIAL DAS OCUPAÇÕES

Pelo visto anteriormente, as dimensões relevantes à análise da diferenciação social tem como referentes empíricos, o nível educacional e a renda. Bogue¹¹ propõe um sistema de mensuração do que ele chama de "realização sócio-econômica" (socioeconomic achievement), que consiste basicamente na combinação linear dos níveis educacionais e econômicos dos indivíduos aos quais se aplica a mensuração. O sistema de Bogue tem algumas características importantes, tais como mensurar ao nível de escala de razão e ser aplicável a qualquer nível de agregação que se desejar (e.g. ocupações). A unidade de mensuração é a moeda, o que apesar de parecer herético a muitos sociólogos, permite não só a comparação no espaço e no tempo, como todas as manipulações adequadas ao nível de escala de razão. Dessa forma, conceitos como "distância social" e "inconsistência de status" ganham uma operacionalidade matematicamente muito mais precisa. A construção de uma escala de diferenciação social seguindo o sistema de Bogue desenvolve-se em dois passos distintos: primeiramente elaboram-se as escalas de mensuração das posições educacionais e econômicas dos indivíduos; em seguida, combinam-se as posições de cada indivíduo, gerando-se o "status individual", e se for o caso, agregam-se convenientemente ao nível desejado. Assim, a posição social de uma ocupação será uma certa combinação das posições dos indi

vídus que desempenham essa ocupação.

A escala de status educacional pode ser definida como uma função escolaridade-rendimentos que calcula a renda socialmente esperada dado um certo nível educacional. Diga-se de passagem, essa função escolaridade-rendimentos é a mesma usada pelos economistas em análise de custo-benefício de investimento em capital humano. O procedimento adotado no cálculo da escala educacional consistiu inicialmente no cálculo de rendimentos médios, agregadamente para todo o Brasil, para cada nível (ano) de escolaridade, constando ao todo de 18 níveis no intervalo "sem escolaridade" (0 anos) a 17 anos de escolaridade (cursos como Engenharia, Medicina e Direito). Os resultados dessa operação são mostrados na figura 1. Com os 18 pontos obtidos, foram ajustadas convenientemente as funções escolaridade-rendimentos descritas adiante.

- Vide Figura 1 -

A operação de cálculo da escala educacional está perfeitamente de acordo com os requisitos do que Hamblin²⁴ chamou de "experimento matemático": (1) manipulação de uma variável independente, no caso escolaridade; (2) controle por constância das outras variáveis independentes, no nosso caso basicamente "idade", como se verá adiante; (3) mensuração ao nível de escala da razão; (4) eliminação do erro de mensuração através do cálculo de médias; (5) sumarização da relação pelo ajuste de uma equação adequada. A caracterização do "experimento matemático" tem suas raízes na metodologia da Física clássica. Inspirado nos trabalhos de Stevens

na psicofísica, onde se observa o mesmo tipo de metodologia, Hamblin elaborou uma série de experimentos em que considerando-se status como uma variável consensual ou "normal", ou seja, amplamente internalizada pelos membros do grupo social, é possível mensurá-lo como uma resposta involuntária a estímulos sociais. Postulou então para os principais determinantes de status, educação e renda, a lei de Stevens

$$\Psi = c\phi^n \quad (1)$$

onde Ψ é a magnitude da resposta sensorial, ϕ a magnitude do correspondente estímulo físico e c e n parâmetros empíricos. Resultam daí as postulações

$$S_e = cE^n \quad (2)$$

$$S_I = kI^m \quad (3)$$

onde S_e significa status devido à educação, S_I status devido à renda, E significa educação, I renda e c , k , n , m são parâmetros empíricos. O ajustamento dessa funções resultuou em elevadas variâncias explicadas ($r_e^2 = 0,986$ e $r_i^2 = 0,996$ respectivamente), e, o que é mais importante, verificou-se que status é elástico em relação à educação ($n > 1$) e inelástico em relação à renda ($m < 1$). A forma funcional de melhor ajuste foi de fato as indicadas nas equações (2) e (3), mas como observam Jones e Shorter²⁵, Hamblin fez correções de limite somando uma constante à variável independente de

tal forma que a função passe pelo origem do eixo de coordenadas, o que além de alterar o nível de mensuração (introdução de uma origem arbitrária para a variável independente) pode alterar a forma funcional. Replicando o experimento de Hamblin para vários grupos culturais, verificaram que não sendo feita a correção de limite, a melhor função ajustada é uma exponencial (comparação feita com uma função linear e uma função potência como a de Hamblin), função essa bastante conhecida em ciências biológicas e em Economia, sendo utilizada sobretudo em estudos de crescimento e desenvolvimento.

- Vide Tabela 1 -

A função de melhor ajuste para os dados censitários foi também a exponencial. A tabela 1 mostra os parâmetros dessa função em comparação com a função linear e com a função potência, não se tendo introduzido nesta última qualquer correção de limites. Observa-se que a função exponencial tem marcada mente um melhor ajuste, embora a introdução de correções de limite na função potência provavelmente ocasionaria uma melhoria em seu ajuste, corrigindo a elasticidade que no nosso caso deu um pouco inferior à unidade.

Evidentemente, sob o rótulo "erro de mensuração" estão computados os efeitos de algumas variáveis relevantes, das quais a mais óbvia e importante é a idade do indivíduo. Representa ela não só a passagem do tempo como um outro aspecto do processo educacional, a experiência e o treinamento para o de

sempenho de um papel social; é, de uma certa forma, uma outra dimensão da mesma variável ocupação. Assim, a população amostrada na faixa de 15 a 64 anos foi estratificada em coortes de 5 anos e foram avaliadas pelo mesmo método já descrito (função escolaridade-rendimentos). Alguns perfis não ajustados dessas funções são apresentados na figura 2.

- Vide Figura 2 -

O cálculo do status educacional do indivíduo requer, dessa forma, sua localização em uma das faixas etárias para a escolha da função adequada. A avaliação dessas funções revelou um aumento sensível no ajuste, exceção feita à última faixa etária, sendo o r^2 médio da ordem de 0,964. Outro ponto importante levantado pelo ajuste das funções foi o da interação entre as variáveis idade e escolaridade, evidenciadas pela variação sistemática dos coeficientes das regressões. A tabela 2 nos apresenta os resultados dos ajustamentos das funções de status educacional em faixas etárias de 5 anos para a população entre 15 e 64 anos.

- Vide Tabela 2 -

O componente econômico da posição social dos indivíduos é operacionalmente definido como sendo o total de seus rendimentos pessoais; ou seja, a distribuição do status econômico dos indivíduos se identifica com a própria distribuição de renda. De um ponto de vista funcional, postula-se que o sta

tus econômico é uma função linear de sua renda, sendo portanto $m=1$ na eq. 3.

A obtenção de uma escala de posição social das ocupações envolve que se calcule para cada unidade ocupacional o escore médio da posição social dos indivíduos que desempenham aquela ocupação, escore ajustado por divisão por uma constante (no nosso caso 30) para variar entre limites pré-fixados, normalmente de 0 a 100; por outro lado; o desvio padrão desses escores nos indica o grau de heterogeneidade interna às unidades ocupacionais. Uma escala ocupacional seguindo o método anteriormente exposto foi construída para a classificação de ocupações constantes no Censo de 1970. Compreende um total de 259 títulos ocupacionais correspondendo às respostas dadas ao quesito 23 do Censo, explicitamente a "ocupação, profissão, cargo, função, etc., que exerceu durante mais tempo" aplicável às pessoas de 10 anos e mais que trabalharam nos doze meses anteriores à data do Censo (1/9/1969 a 31/8/1970). Algumas observações devem ser feitas quanto à classificação censitária: a primeira diz respeito à relativa diversidade das ocupações que compõem o grupo ocupacional, o que tem reflexo direto na variância de status da ocupação. Outro problema importante é o da amplitude das definições ocupacionais no que se refere ao ramo de atividades e da posição no sistema produtivo. Evidentemente, é de se esperar que certas categorias ocupacionais, como por exemplo, sapateiros na indústria do vestuário, apresentam diferenças marcantes de status entre aqueles que são empregados e aqueles que trabalham por

conta própria, ou, ainda, aqueles que são empregadores. O sistema de construção de escala de posição social das ocupações é, no entanto, absolutamente genérico, sendo possível portanto para solução desse problema tomar-se como base classificações ocupacionais que considerem não só o tipo de atividade (ocupação) mas também o ramo de atividade (por exemplo, o ramo de indústria) e a posição no sistema de produção. Diga-se de passagem que esses quesitos são também coletados no Censo Demográfico. Finalmente, algumas ocupações foram omitidas dada a extrema raridade de ocorrência na população, o que as torna sem interesse para o tipo de escala que se quer construir.

- Vide Tabela 3 -

A tabela 3 nos apresenta os escores obtidos para cada título ocupacional (coluna IS), seguido do seu respectivo desvio padrão (coluna σ_{IS}) corrigido para o tamanho da amostra, o peso da ocupação (coluna N) e do coeficiente de variação (coluna V). Observe-se que certas ocupações apresentam marcante heterogeneidade, como por exemplo, "agricultor", categoria que engloba desde o latifundiário ao pequeno proprietário em regime de agricultura de subsistência. No entanto, de um modo geral, a variação interna às categorias ocupacionais se mantém dentro dos limites aceitáveis, como é o caso das ocupações técnicas e científicas.

III. COMPARAÇÃO DAS ESCALAS OCUPACIONAIS

A validação da escala construída implica na comparação com as escalas de Bogue e Blishen e com as escalas de prestígio obtidas para o Brasil. Para tanto examinou-se exaustivamente os títulos ocupacionais das escalas americana e canadense, selecionando-se os compatíveis em definição com a escala construída. Para a escala de Blishen verificou-se 142 títulos ocupacionais compatíveis com a definição censitária brasileira; para a escala Bogue, mais abrangente, o número de títulos compatíveis foi de 195. A escala de prestígio de Joly Gouveia foi quase que inteiramente compatível, uma vez que apenas um título em 18 não foi considerado de definição compatível (o título era "coronel do exército", sendo que a definição censitária não distingue oficiais de praças das forças armadas, sendo portanto os títulos não comparáveis).

O primeiro passo para a comparação das escalas consistiu em se calcular os coeficientes de correlação para cada par de escalas, estando os resultados apresentados na tabela 4.

- Vide Tabela 4 -

Observa-se, como se esperava, altas correlações entre as escalas, sendo particularmente notável as correlações entre a escala de Blishen e as escalas Bogue ($r=0,8725$) e bra

sileira ($r=0,8807$). A escala de prestígio apresenta menor correlação (além de, evidentemente, menor significância) com as demais, sendo no entanto relativamente elevada a correlação - entre as escalas brasileiras, com aproximadamente 59% de variância explicada. Considerando-se as correlações como distâncias entre as escalas, os resultados da tabela 4 indicam a escala canadense para 1951 como ocupando uma posição intermediária entre as escalas brasileira (1970) e americana (1960), ligeiramente mais próxima daquela do que desta última.

A análise das distribuições das escalas reforça essa hipótese. A tabela 5 apresenta a média, o desvio-padrão e a assimetria de cada uma das escalas.

- Vide Tabela 5 -

O primeiro fato importante observado é a grande dispersão da escala brasileira, sendo o valor de seu desvio-padrão bastante próximo da sua média. Interpretando-se o desvio-padrão como uma distância social média, esse resultado indica que a estrutura ocupacional brasileira apresenta um grau de distanciamento geral muito superior à canadense e à americana. A distância social da escala americana é comparativamente à escala canadense, mais elevada; no entanto, seu baixo grau de assimetria indica que essa distância não se deve à concentração e sim à uma longa dispersão em torno do ponto médio. Por raciocínio análogo, podemos concluir que a grande

distância social encontrada na escala brasileira se deve essencialmente à marcante concentração de ocupações nos estratos mais baixos da escala. Em outras palavras, as estruturas ocupacionais brasileira e americana discrepam notavelmente em termos da forma da distribuição de status, ocupando a escala canadense uma posição intermediária.

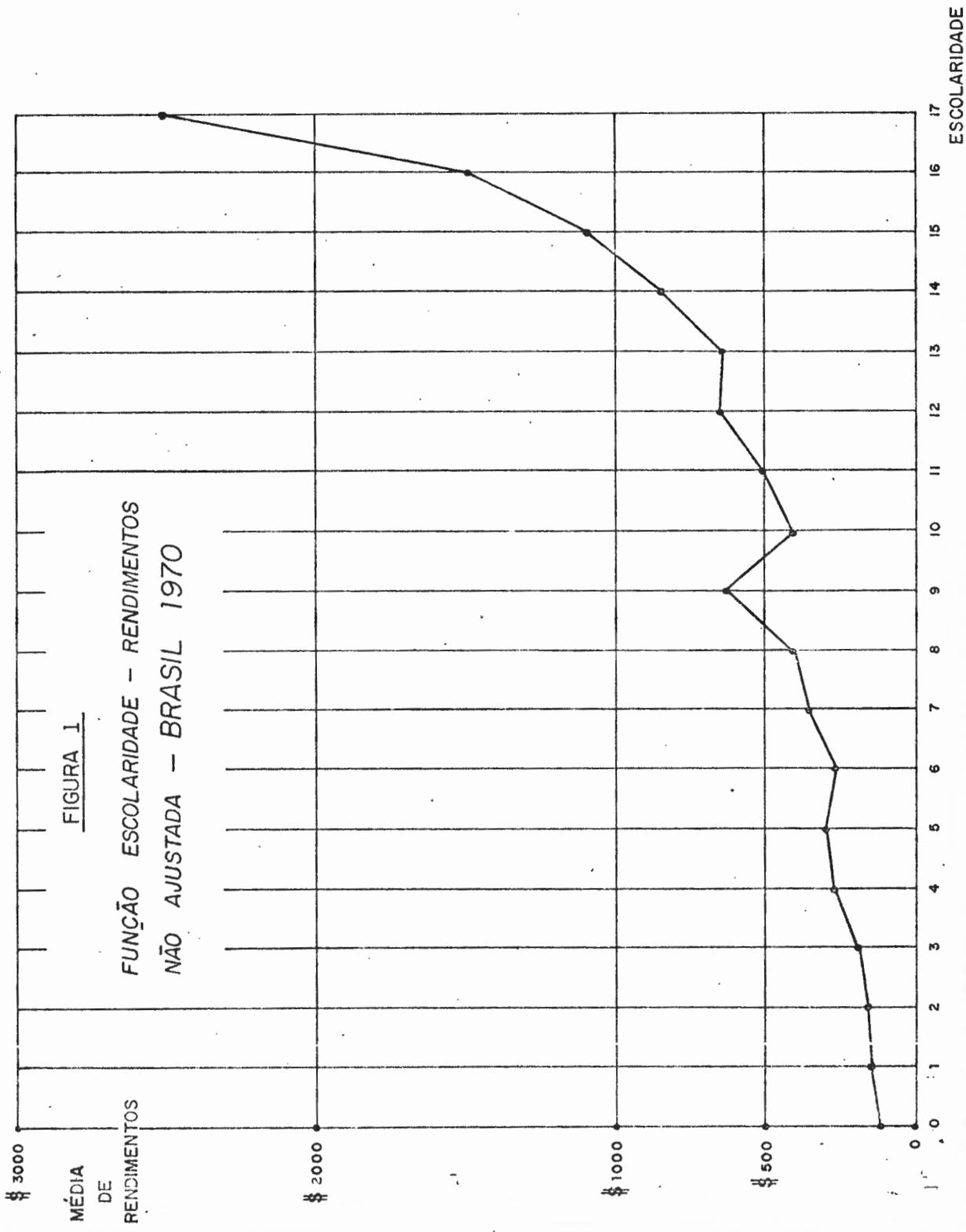
- Vide Figura 3 -

Para permitir uma melhor comparação entre as formas das estruturas ocupacionais, a figura 3 representa as distribuições relativas (percentuais) das tres escalas normalizadas, isto é, reduzidas à mesma amplitude de variação, no caso o intervalo 0-100. As observações acima são amplamente confirmadas: a escala brasileira apresenta notável concentração nos estratos mais baixos enquanto que a americana é a mais desconcentrada das escalas; a escala canadense, embora com forte concentração, tem seu ponto médio (\bar{B}_1) bastante deslocado para a direita em relação à escala brasileira (\bar{B}_3), parecendo representar uma situação social intermediária ou de transição.

A forte concentração da estrutura ocupacional brasileira redundava em que são comparativamente poucas as ocupações que poderiam ser não ambigualmente classificadas como de "classe média"; ou, em outras palavras, um grande número de ocupações que no Canadá e nos E.U.A. são consideradas de "classe média", no Brasil poderiam perfeitamente ser aloca

das aos estratos mais baixos da população. Isso parece confirmar uma observação mais ou menos corrente entre os cientistas sociais brasileiros quanto à "inexistência" de estratos médios na nossa sociedade. Evidentemente esse fato tem implicações sociais importantes não só para a dinâmica social como para certas projeções da estrutura social ao nível do político..

A análise comparativa das escalas ocupacionais revelou que a escala construída para o Brasil mostrou-se, como era teoricamente esperado, compatível com escalas internacionais, apresentando altas correlações entre elas. Uma análise mais detalhada da forma das distribuições das diversas escalas ocupacionais mostrou diferenças significativas entre as estruturas sociais dos países estudados, diferenças de significado substantivo correspondendo a certos resultados teóricos conhecidos, o que contribuiu de maneira decisiva para a validação da escala construída a partir do censo brasileiro de 1970.



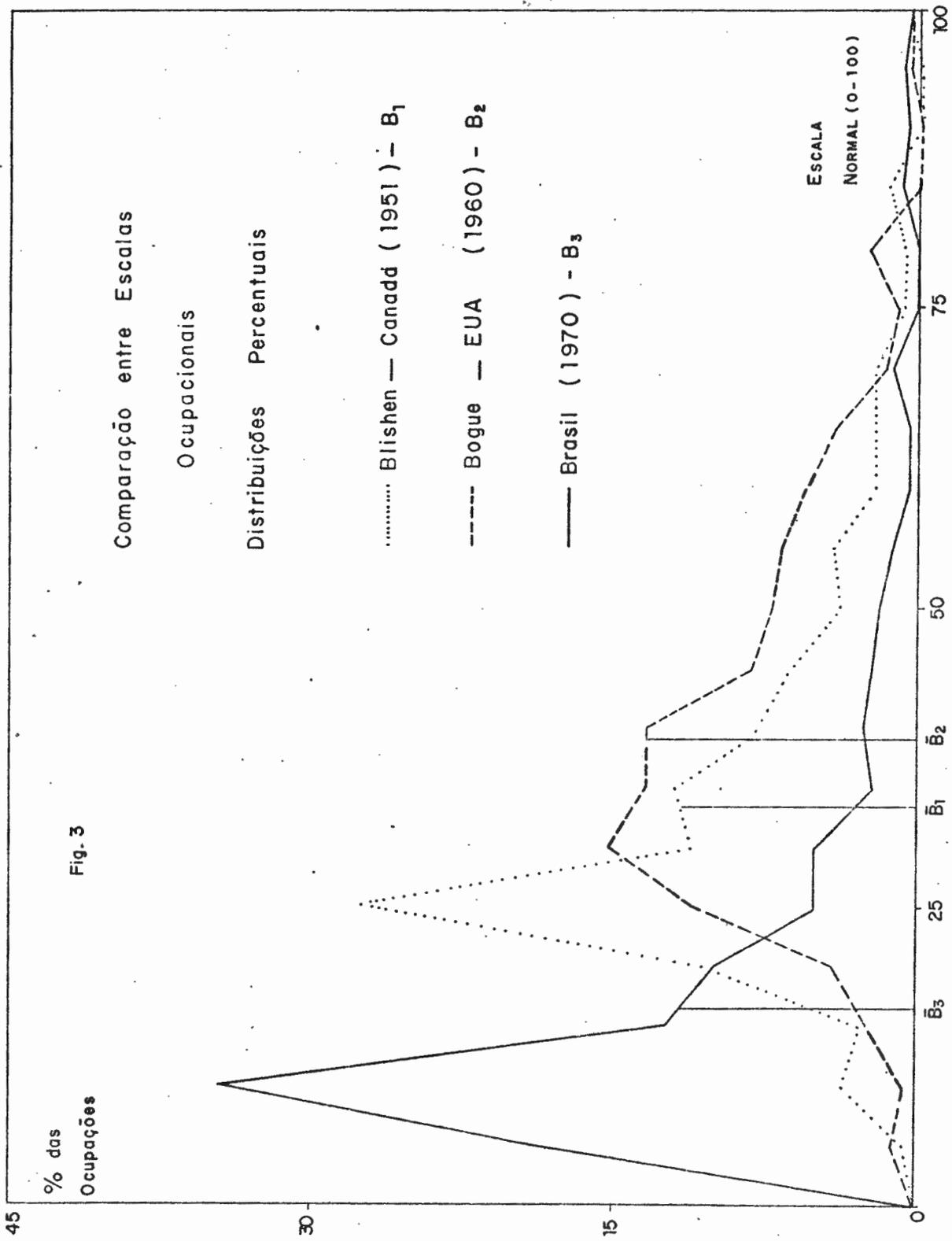


TABELA 1

Ajuste de funções entre status educacional e a escolaridade
para dados agregados - BRASIL -1970

Função	Coefficiente de determinação (r^2)	Coefficiente a	Coefficiente b
Linear: $S_e = a+bE$	0,682	-166,164	93,90
Potência: $S_e = aE^b$	0,796	84,954	0,885
Exponencial: $S_e = ae^{bE}$	0,949	120,987	0,154

TABELA 2

Ajuste de funções exponenciais entre status educacional e escolaridade, para diversas faixas etárias entre 15 e 64 anos - BRASIL-1970

Faixa Etária	Coefficiente de determinação (r^2)	Coefficiente a	Coefficiente b
15-19	0,989	49,678	0,141
20-24	0,955	94,578	0,130
25-29	0,963	131,666	0,135
30-34	0,969	156,391	0,143
35-39	0,971	174,199	0,148
40-44	0,971	190,235	0,150
45-49	0,970	199,256	0,155
50-54	0,958	202,877	0,153
55-59	0,955	201,290	0,155
60-64	0,940	197,040	0,157

Posição Social das Ocupações - Brasil 1970

IS = índice de posição social da ocupação

 σ_{IS} = desvio padrão do índice de posição social da ocupação

N = peso da ocupação

V = coeficiente de variação da ocupação

Ocupações	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Agricultores	011	17,96	18,91	124.813	105
Pecuaristas	012	26,49	23,74	67.863	90
Avicultores e Criadores..	013	38,57	29,93	3.081	78
Industriais	014	41,83	32,47	96.342	78
Comerciantes	015	16,95	15,29	810.209	90
Hoteleiros e Donos de Pen são	016	17,87	15,94	23.345	89
Outros Proprietários	017	35,07	30,12	49.588	86
Adm. Serviço Público	021	34,27	21,64	79.685	63
Adm. Bancos e Comp. de Segu ros	022	42,21	24,21	46.106	57
Adm. na Agropecuária	023	9,77	7,82	38.476	80
Outros Administradores ..	024	32,33	24,29	220.620	75
Agentes Fiscais	031	32,54	21,96	29.999	68
Inspetores de Trabalho ..	032	40,31	17,09	3.795	42
Oficiais e Técnicos de Administração	033	27,59	12,38	26.509	44
Coletores e Exatores	034	25,68	12,36	10.875	48
Caixas e Tesoureiros	035	16,80	11,60	87.646	69
Técnicos de Contabilidade	036	27,50	13,85	116.803	50
Almoxarifes	037	12,79	6,94	48.316	54
Datilógrafos	038	12,83	6,10	59.116	47

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Taquígrafos	039	28,43	13,10	1.361	46
Redatores	040	34,66	19,79	1.056	57
Intérpretes e Tradutores..	041	33,22	16,17	1.330	49
Bibliotecários e Doc.	042	22,97	13,85	5.435	60
Programadores	043	35,33	19,37	5.769	55
Operadores	044	18,75	9,79	11.780	52
Auxiliares de Escritório..	045	13,93	8,37	982.364	60
Engenheiros	101	84,57	26,25	43.294	31
Arquitetos	102	77,97	23,90	4.752	31
Agrimensores	103	18,61	13,26	18.299	71
Desenhistas	104	22,51	12,70	35.813	56
Químicos	111	58,17	23,96	4.442	41
Farmacêuticos	112	44,51	13,81	3.906	31
Geólogos	114	63,00	23,09	962	37
Meteorologistas	116	26,18	15,48	405	59
Agrônomos	121	52,52	16,29	6.802	31
Veterinários	122	50,26	14,15	2.726	28
Naturalistas	123	38,18	22,57	852	59
Médicos	130	85,98	26,14	44.354	30
Dentistas	131	47,41	20,67	32.286	44
Parteiras	132	9,90	10,40	4.473	105
Enfermeiros diplomados ...	133	38,56	9,99	5.393	26
Enfermeiros não diplomados	134	11,01	5,81	133.716	53
Fisioterapistas	135	17,81	10,88	3.062	61
Protéticos	136	16,17	11,14	7.213	69
Operadores Raios X	137	18,61	10,96	4.054	59

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Práticos de Farmácia.....	138	15,00	9,90	7.743	66
Laboratoristas	139	16,32	11,35	38.357	70
Estatísticos	142	37,03	18,15	2.097	49
Economistas	143	62,21	23,87	9.320	38
Contadores	144	45,41	22,04	15.807	49
Sociólogos	145	42,17	14,66	455	35
Professores primários	151	13,81	7,12	564.600	52
Professores secundários ..	152	32,15	14,79	97.863	46
Professores superiores ...	153	63,99	24,97	17.593	39
Professores s/especifica- ção	154	21,87	14,74	37.447	67
Inspetores de Ensino	155	26,82	16,57	6.822	62
Inspetores de alunos	156	13,11	6,94	14.059	53
Magistrados	161	88,75	25,39	3.604	29
Procuradores, Promotores e Curadores	162	76,53	27,06	4.677	35
Advogados e Defensores ...	163	75,63	26,43	37.173	35
Tabeliães e Oficiais de Reg.	164	29,56	24,59	6.757	83
Escrivães e Auxiliares de justiça	165	22,09	14,79	29.930	67
Religiosos	171	24,87	14,65	28.048	59
Assistentes Sociais	172	33,07	13,95	7.665	42
Agentes Sociais	173	20,33	10,70	1.829	53
Escritores e Jornalistas..	181	40,06	25,06	10.082	63
Escultores e Pintores	191	18,58	17,48	4.534	94
Músicos	192	12,62	11,48	12.858	91

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Artistas de cinema, teatro, etc.	193	18,50	19,33	9.833	105
Locutores	194	15,92	14,30	5.868	90
Decoradores e Cenógrafos..	195	20,45	13,98	4.679	68
Pinigrafistas e operadores	196	15,14	11,73	1.628	77
Fotógrafos	197	12,60	9,51	24.896	76
Outros técnicos de cinema, teatro, etc.	198	12,68	10,81	3.381	85
Técnicos Agrícolas e práticos rurais	211	17,99	10,27	4.175	57
Aradores	212	3,92	2,79	7.215	71
Tratoristas	213	6,11	3,24	68.770	53
Chacareiros, Hortelões e Floricultores	221	5,04	4,08	256.563	81
Jardineiros	222	5,55	3,16	41.531	57
Trabalhadores de enxada...	223	3,49	2,36	10.009.007	67
Trabalhadores de pecuária.	224	5,45	4,22	690.328	77
Caçadores	231	4,84	2,93	2.585	61
Pescadores	232	4,20	2,33	140.758	55
Madeireiros e Lenhadores..	241	4,40	2,46	97.398	56
Carvoeiros	242	4,28	2,45	23.070	57
Seringueiros	243	4,21	2,21	78.365	52
Ervateiros	244	4,61	2,84	1.680	62
Apanhadores, descascadores, etc.....	245	2,50	1,41	118.084	57
Mineiros	311	6,48	3,22	21.938	50
Canteiros e Marroeiros ...	321	5,38	2,61	39.472	48

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Trab. extração de petróleo e jazidas	331	18,57	9,34	3.416	50
Garimpeiros	341	4,90	3,02	36.348	62
Modeladores e Formistas de metais	411	9,95	5,94	8.186	60
Fundidores de Metais	412	8,64	4,02	19.197	47
Laminadores e Trefiladores	413	8,96	3,75	7.810	42
Afiadores e amoladores ..	414	10,10	4,68	2.678	46
Estampadores mecânicos ..	421	8,65	4,71	3.045	55
Fresadores e furadores..	422	11,58	5,45	5.455	47
Torneiros mecânicos	423	10,82	5,20	78.799	48
Mecânicos de motor à explosão	424	9,44	5,64	221.413	60
Mecânicos, sem especificação	425	11,15	6,44	232.767	58
Galvanizadores e niqueladores	426	9,09	4,56	5.314	50
Soldadores	427	9,10	4,06	62.416	45
Caldeireiros	428	9,85	4,67	9.709	47
Ferreiros e serralheiros.	429	8,11	4,23	66.196	52
Lanterneiros de veículos.	430	9,67	4,75	17.836	49
Rebitadores de metais ...	431	10,30	6,41	1.814	62
Funileiros de metais	432	9,71	4,97	22.744	51
Ferradores	433	7,54	4,59	592	61
Cardadores e penteadores.	441	6,41	3,08	3.332	48
Maçaroqueiros, bobinadores, etc.....	442	5,83	2,55	15.180	44
Fiandeiros	443	5,83	2,54	37.851	44

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Rendeiros	444	2,49	1,61	5.360	64
Urdidores e remetedores..	445	6,78	3,02	5.216	46
Cordoeiros	446	4,40	2,59	1.715	59
Tecelões	447	6,65	3,17	114.873	48
Tapeceiros	448	9,17	4,73	9.609	52
Redeiros	449	2,88	1,81	5.608	63
Alvejadores e Tintureiros	450	7,73	3,08	5.846	40
Estampadores Texteis	451	8,05	5,50	6.062	68
Acabadores de pano	452	6,49	4,15	9.503	64
Correeiros e seleiros ...	461	6,18	3,64	8.167	59
Curtidores	462	6,37	3,16	9.180	50
Alfaiates e costureiros..	471	7,19	4,52	393.899	63
Bordadeiras e cerzideiras	472	4,41	3,43	25.368	78
Chapeleiros de palha	473	1,81	0,98	31.308	54
Chapeleiros, exclusive de palha	474	6,19	4,76	1.104	77
Sapateiros	475	6,69	3,42	130.437	51
Bolseiros e cinteiros ...	476	6,11	3,46	3.226	57
Marceneiros	481	8,44	4,58	140.085	54
Carpinteiros	482	7,39	3,37	260.318	46
Tanoeiros	483	8,56	5,80	559	68
Serradores	484	5,82	3,05	55.506	52
Estofadores e capoteiros.	485	8,65	4,40	16.495	51
Colchoeiros	486	6,18	3,31	3.336	53
Lustradores de madeira ..	487	7,41	3,41	14.867	46
Eletricistas	491	11,43	6,70	157.687	59
Radiotécnicos	492	12,99	9,65	31.062	74

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Mestres de obras	511	16,44	10,14	40.449	62
Armadores de concreto	512	7,83	3,12	17.732	40
Pedreiros	513	6,94	2,81	590.616	41
Serventes de pedreiros....	514	4,82	2,03	447.045	42
Pintores e caiadores	515	7,78	3,62	131.682	47
Estucadores	516	8,37	3,45	5.662	41
Ladrilheiros e taqueiros..	517	8,94	3,99	11.142	45
Encanadores	518	8,87	4,35	70.748	49
Vidraceiros	519	8,27	3,98	4.295	48
Calceteiros e asfaltadores	520	6,48	2,83	9.521	44
Calafates	521	8,38	4,30	5.560	51
Operadores de máquinas c.c.	522	8,65	3,96	17.742	46
Linguiceiros e salsicheiros	531	7,28	4,04	1.857	55
Charqueadores	532	6,13	2,38	1.587	39
Magarefes	533	5,98	2,76	18.910	46
Manteigueiros e queijei- ros	534	6,10	2,94	3.373	48
Doceiros e confeitheiros...	535	7,32	4,47	15.988	61
Macarroneiros e pastelei- ros	536	6,57	3,50	1.880	53
Padeiros	537	6,36	3,60	74.866	57
Farinheiros e moleiros ...	538	5,24	3,94	9.594	75
Ocupações das usinas e en- genhos	539	5,80	2,58	13.674	44
Ocupações das destilarias de bebidas	540	6,75	4,35	5.276	65
Ocupações de moagem e tor- refação de café	541	6,55	4,17	2.506	64

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Ocupações da industrialização do pescado	542	5,16	2,61	2.632	51
Linotipistas	551	17,23	8,38	3.856	49
Tipógrafos	552	11,25	6,67	39.200	59
Clicheristas e gravadores	553	13,05	7,72	2.200	59
Impressores	554	10,62	5,33	11.038	50
Revisores, na indústria gráfica	555	18,05	10,73	1.584	59
Encadernadores e cartonadores	556	7,84	4,24	10.484	54
Outras ocupações na ind. gráfica	557	10,30	6,90	3.355	67
Vidreiros e ampoleiros...	561	7,94	3,87	7.702	49
Ceramistas e louceiros ..	562	5,68	3,46	21.706	61
Pintores cerâmicos	563	5,96	3,10	2.801	52
Oleiros	564	4,50	3,10	90.707	69
Mestres e Contramestres..	571	16,98	10,92	50.193	64
Ourives e relojoeiros ...	572	10,58	6,32	15.370	60
Lapidadores	573	8,88	5,59	3.120	63
Vulcanizadores e recauchutadores	574	7,60	4,27	19.865	56
Fogueteiros	575	4,61	2,86	2.338	62
Cesteiros e esteireiros	576	3,17	2,95	5.996	93
Vassoureiros	577	4,90	3,25	1.719	66
Marmoristas	578	8,43	3,71	6.467	44
Charuteiros e cigarreiros	579	4,77	2,63	10.020	55
Polidores e esmerilhadores	580	8,55	3,73	19.492	44
Pintores à pistola	581	8,97	4,36	31.488	49

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Operários de reparo e cons- trução naval	582	9,74	5,77	1.192	59
Artífices sem especifica- ção	583	10,63	4,23	6.311	40
Foguistas (excl. embarca- ção e de trem)	584	7,65	3,37	9.259	44
Embaladores e expedidores.	585	6,38	3,50	87.565	55
Outras ocupações indús- tria de transformação	586	9,56	6,58	38.977	69
Açougueiros	611	6,50	3,64	32.039	56
Vendedores ambulantes	612	7,39	5,33	304.951	72
Balconistas e entregadores	613	7,39	5,03	737.784	68
Vendedores de jornais e re- vistas	614	8,84	6,28	10.823	71
Pracistas e viajantes co- merciais	621	20,94	12,76	109.945	61
Representantes comerciais.	622	26,33	17,58	37.345	67
Propagandistas	623	27,80	17,90	9.902	64
Corretores de seguros	631	30,92	22,51	7.364	73
Corretores de imóveis	632	24,94	17,70	31.694	71
Corretores de títulos e va- lores	633	31,87	23,42	10.319	74
Outros agentes corretores.	634	23,13	18,39	5.841	79
Compradores	635	23,22	14,52	7.367	63
Aviadores civis	711	48,18	28,25	2.995	59
Aero-Moços	712	22,81	12,39	1.178	54
Oficiais de marinha mercan- te	721	29,62	17,98	2.135	61
Mestres de embarcação	722	10,27	7,70	5.866	75
Maquinistas de embarcação.	723	15,08	9,11	2.810	60

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Foguistas de embarcação..	724	11,94	4,73	2.398	40
Marinheiros civís	725	9,45	5,52	9.145	58
Taifeiros	726	10,45	5,02	3.772	48
Barqueiros e canoeiros ..	727	6,10	5,06	5.009	83
Guindasteiros	731	11,35	4,46	4.845	39
Estivadores	732	8,77	4,35	26.435	50
Agentes de Estradas de Ferro	741	14,42	5,03	9.793	35
Condutores e Chefes de trem	742	13,58	4,82	4.509	36
Maquinistas	743	11,84	4,00	15.879	34
Foguistas de trem	744	10,46	4,29	2.807	41
Guarda-Freios	745	10,14	3,28	3.372	32
Manobreiros e sinaléiros.	746	10,20	3,45	9.728	34
Motoristas	751	10,83	5,70	759.498	53
Trocadores	752	6,42	2,86	53.697	45
Carroceiros e Tropeiros..	753	4,61	2,22	52.383	48
Inspetores e Despachantes de Transporte	761	13,60	7,56	9.749	56
Trab.Conservação de Rodovias	762	5,83	2,24	33.454	38
Trab.Conservação de Ferrovias	763	7,78	2,79	23.611	36
Agentes Postais e Telegráfic ^o s	771	15,26	5,78	5.598	38
Postalistas	772	19,32	7,35	9.263	38
Telegrafistas e radiotelegrafistas	773	17,91	8,02	20.865	45
Telefonistas	774	10,03	4,14	33.562	41
Carteiros	775	10,90	4,87	16.963	45

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Vendedores de selos	776	15,24	4,94	1.095	32
Guarda-fios	777	11,59	4,76	4.618	41
Cozinheiros	811	6,32	3,64	89.827	58
Garçons	812	7,31	4,12	82.277	56
Empregados domésticos	813	3,33	2,23	1.511.324	67
Barbeiros e cabeleireiros.	821	9,00	5,04	114.574	56
Manicures e pedicuros	822	7,47	4,13	17.318	55
Lavadeiras e engomadeiras.	823	3,68	2,34	248.551	64
Engraxates	824	3,76	3,12	5.428	83
Jogadores de futebol	831	12,22	10,47	4.973	86
Técnicos de esportes	834	24,72	21,16	566	86
Oficiais e Praças das Forças Armadas	841	16,42	13,60	339.511	83
Oficiais e Praças do Corpo de Bombeiros	842	13,36	7,38	9.749	55
Delegados e comissários de polícia	843	42,48	26,69	5.247	63
Investigadores de polícia.	844	21,17	11,08	16.701	52
Guarda-civís e inspetores de tráfego	845	10,42	5,88	66.716	56
Carcereiros e guardadores de presídio	846	12,08	5,28	4.169	44
Datiloscopistas	847	19,06	7,71	1.340	40
Ascensoristas	911	8,79	3,83	10.284	44
Aprendizes	912	3,31	1,93	20.834	58
Capatazes	913	10,75	6,56	20.419	61
Guardas Sanitários	914	9,76	4,96	15.090	51

Ocupação	Código	IS	σ_{IS}	N	V
Inspetores e Fiscais	915	17,18	12,72	43.499	74
Lixeiros	916	5,56	2,08	54.191	37
Lubrificadores	917	7,61	3,30	12.504	43
Operadores Cinematográficos	919	8,77	4,93	2.096	56
Operadores de Máquinas ..	920	9,12	4,71	96.927	52
Porteiros, vigias e <u>ser</u> ventes	921	7,13	3,57	638.059	50
Trabalhadores braçais, sem especificação	922	5,30	2,58	365.812	49
Outras ocupações mal defi nidas	923	10,64	9,96	658.157	94

TABELA 4

CORRELAÇÕES ENTRE AS ESCALAS OCUPACIONAIS

Blishen (canadá-1951)	0,8807	-	
Bogue (EUA-1960)	0,8230	0,8725	-
Joly Gouveia (São Paulo-1967)	0,7676	0,6622	0,6622
	Brasil(1970)	Blishen	Bogue

TABELA 5

MOMENTOS DAS ESCALAS OCUPACIONAIS

	<u>Média</u>	<u>Desvio Padrão</u>	<u>Assimetria</u>
Blishen	51,2	9,96	1,33
Bogue	26,6	8,82	0,82
Brasil-1970	16,4	15,74	2,33

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DURKHEIM, E. - "Division of Labor in Society". (Glencoe, Ill. The Free Press, 1947), pg. 182.
2. SOROKIN, P. - "Contemporary Sociological Theories". (New York: Harper and Brothers, 1928), pg. 718.
3. KAHL, J. & DAVIS, J. - "A Comparison of Indexes of Socio-Economic Status", American Sociological Review (1955), pgs. 317-325.
4. BENDIX, R. & LIPSET, S.M. - "Marx's Theory of Social Classes" in Bendix, R. & Lipset, S.M. - "Class, Status and Power" (New York: The Free Press, 2a. edição, 1966), pgs. 6-11.
5. DAVIS, K. & MOORE, W. - "Some Principles of Stratification", American Sociological Review (1945), pgs. 242-249.
6. PARSONS, T. - "Essays in Sociological Theory" (Glencoe, Ill.; The Free Press, 1954), pgs. 386-439.
7. BARBER, B. - "Social Stratification" (New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1957), pg. 3.
8. INKELES, A. & ROSSI, P.H. - "National Comparisons of Occupational Prestige", American Journal of Sociology, 61 (1956), pgs. 329-339.

9. EDWARDS, A. - "Comparative Occupation Statistics for the United States, 1870 to 1940" (Washington: Government Printing Office, 1943).
10. BLISHEN, B. - "The Construction and Use of an Occupational Class Scale", Canadian Journal of Economics and Political Science, 24 (1958), pgs. 519-531.
11. BOGUE, D. - "Skid Row in American Cities" (Chicago: Community and Family Study Center, Univ. of Chicago, 1963), Apêndice e "Principles of Demography" (New York: Wiley and Sons, 1969), pgs. 428-462.
12. U.S. BUREAU OF THE CENSUS - "Methodology and Scores of Socio-economic Status", Working Paper nr. 15 (1963).
13. BLISHEN, op. cit., pg. 522.
14. DUNCAN, O.D. - "A Socioeconomic Index for All Occupations", in Reiss, A. et. al. "Occupations and Social Status" (New York, The Free Press, 1961), pgs. 109-138.
15. HODGE, R. et al. - "A Comparative Study of Occupational Prestige" in, Bendix, R. & Lipset, S.M., op. cit. pgs. 309-321.
16. HODGE, R. et al. - "Occupational Prestige in the United States: 1925-1963", in Bendix, R. & Lipset, S.M., op. cit. 322-334.
17. HUTCHINSON, B. - "Mobilidade e Trabalho" (Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educaçionais, MEC, 1960), pg. 27.

18. GOUVEIA, A.J. - "Desenvolvimento Econômico e Prestígio de Certas Ocupações", América Latina 8 (1965), pgs. 66-78.
19. GOUVEIA op. cit., pg. 78.
20. GUSFIELD, J. & SCHWARTZ, M. - "The Meanings of Occupational Prestige: Reconsideration of the NORC Scale", American Sociological Review 28 (1963) pgs. 265-271.
21. BARBER, B. op. cit. pgs. 24-26.
22. MARSH, R. - "The Explanation of Occupational Prestige Hierarchies", Social Forces 50 (1971), pgs. 214-222.
23. WEBER, M. - "The Theory of Social and Economic Organization" (Glencoe, Ill.: The Free Press, 1947), pg. 428.
24. HAMBLIN, R. - "Mathematical Experimentation and Sociological Theory: A Critical Analysis", Sociometry 34 (1971), pg. 423-452.
25. JONES, B. & SHORTER, R. - "The Ratio Measurement of Social Status: Some Cross-Cultural Comparisons", Social Forces, 50 (1972).
